

A FESTA

Sou um inveterado freqüentador do nosso cemitério. Invariavelmente, toda semana para lá me dirijo, para pensar, meditar, prestar contas, buscar forças mentais, encontrar solução para um problema mais agudo ou conformar-me com outros sem saída.

Vou sozinho, pelas nove da manhã, e sempre cumpro o mesmo ritual. Estaciono o carro debaixo de uma das árvores, que agora não têm "lacerdinha". Entro. Caminho calmamente e vou direto ao meu destino. Sento no banco, perto da capela. Acendo um cigarro. E deixo o pensamento correr livremente... sentindo no rosto o vento da manhã e ouvindo os pássaros.

Naquela hora, a última morada está sempre deserta. Quando muito, encontro o coveiro, que já é meu amigo porque também tem pressão alta e... porque no futuro posso depender dele. É bom ir ao cemitério de manhã e ficar sozinho, com os pensamentos, com as saudades e com as lágrimas. Nada me desvia a atenção. Não preciso conversar. Tudo é quieto, sossegado e definitivo. Chego perto daquele que mais amei. Quase fisicamente sinto sua força, seu carinho, sua inteligência, seu caráter. Mentalmente conversamos, deixando as idéias transitarem, cheias de afeto, pelo caminho incorpóreo do

espírito. Rezo um pouco como me ensinaram e rezo muito com o coração. Depois de alguns minutos, sinto-me bem, forte, invencível. Encontro sempre a força que fui buscar. Na despedida, com a mão laca de leve no granito polido do túmulo familiar.

Voito também calmamente, lendo ao acaso uma ou outra lápide. Desta só conheço o nome da família. Aquela foi meu amigo. Tantas lembranças... que formam o passado.

Domingo - dois de novembro, como não podia deixar de fazer, fui de novo visitar a necrópole. A Avenida Frei Paulo Luig (Bom homem pela fé, pela humildade, pelo desapego) fervilhava de automóveis, de gente a pé: homens, mulheres, crianças, velhos, moços. Estava uma beleza.

De cara, topei com caminhões e caminhões de melancia: grandes, pequenas, redondas, compridas. Fatias vermelhas expostas, sendo comidas. Gente comprando, gente carregando, gente falando, gente rindo. Fui chegando. Um guarda trilou seu apito e muito solícito me achou uma vaga no imenso estacionamento, que tem mão e contramão. Parei. Uns moleques simpáticos, uns vinte no mínimo, vieram vender vela. Agradei, mas não dei coia. Passei por uma barraca, onde vendiam sucos de frutas variados, lanches e salgadinhos, outra cheia de flores e corças. Adiante, um carrinho de pipoca e

amendoim, outro de sorvete e refresco vermelho. Topei, ainda, com um animado bloco de moças e rapazes, com as bocas lambuzadas por quebra-queixos, do mais puro coco.

Um comércio intensíssimo, com pedidos, ofertas, pechinchas. A feira de finados estava instalada. Fui em frente. No portão, uns poucos abnegados que sempre lembram dos pobres (ainda bem), com um saco grande e fundo, de lona, para a gente pôr dinheiro dentro. Encontrei inúmeros amigos, daqui, de fora. E foi aquele papo. Mas, o sol estava quente... Admirei os flamboiaiãs floridos e os túmulos cheios de flores multicoloridas (eta povo rico).

Fiquei contente: vi gente rindo, falando, namorando, passeando. Uma beleza! Uma festa, uma verdadeira festa! Por todos os lados, em todos os cantos: risos, animação, vozes. Era a vida brotando nas terras da morte. E está certo. Assim é que deve ser. Os que já foram, certamente, ficariam alegres, se pudessem compartilhar. Não vi maldade. Só alegria, saúde e vontade de viver.

De súbito, na parte mais baixa, encontrei uma fogueira, com chamas rubras e subindo para o alto. Era a campa da Maria Louca, que foi muito infeliz, que não tinha nada, nem dinheiro, nem casa, nem amor, nem roupa, nem família. Velas, muitas velas, acesas, queimando. Dizem que ela faz milagres e por isso os tristes, os aflitos, os arrependidos e os pobres a procuram, multiplicando seus pedidos e sua devoção. Arrependi de não ter comprado nenhuma vela dos meninos da entrada, mas fiz também meus pedidos: por vocês, pela cidade, pela humanidade... pois é certo que quem não teve nada, pode dar tudo.